

Presentismo, distopia e relação com o espaço urbano em *O Caçador de Androides* de Philip K. Dick

Taynna Mendonça Marino*

Resumo:

Desde a década de 1950 obras de ficção científica e filmes de caráter distópico começaram a se tornar populares ao retratarem histórias de futuros com grandes impérios corporativos, de alta tecnologia intrusiva e sociedades opressivas. Entre os clássicos de ficção científica podemos exemplificar a obra *Do androids dream of electric sheep?* de Philip K. Dick, publicada em 1968, e que deu origem ao filme *Blade Runner: o caçador de androides*, a qual será o nosso objeto de pesquisa. O objetivo dessa comunicação é mostrar de que forma a ficção científica se insere no debate da teoria da história, tendo como objeto o cenário distópico construído por Philip Dick. A partir do livro, percebemos que a distopia presente na ficção científica resulta de uma inflexão dos avanços tecnológicos e crises ideológicas no período compreendido como pós-modernidade. E essa narrativa distópica também se insere no debate da teoria da história, sobre o qual atesta Gumbrecht que estaríamos numa crise do cronótopo moderno mediante o que parece ser o surgimento de um novo paradigma da história profundamente distópico. Observamos também a relação da distopia com a história, a partir do regime de historicidade presentista, proposto por François Hartog, e na quebra no horizonte de expectativas, tendo como base as reflexões de Reinhart Koselleck. Dessa forma, proporemo-nos a analisar as relações humanas e de consumo numa sociedade estruturada por avanços tecnológicos, tendo como bibliografia alguns autores, tais como David Harvey, Hebert Marcuse, James Hillman e Zygmunt Bauman, que se propuseram a analisar a sociedade industrial capitalista e os avanços tecnológicos que surgem para redirecionar o comportamento do homem pós-moderno, e como isso afetou a relação do homem com o tempo e o espaço.

Palavras chave: Distopia. Presentismo. Ficção científica. Espaço urbano.

* Graduanda em História da Universidade Federal do Espírito Santo, vinculada pelo Programa Institucional de Iniciação Científica ao Laboratório de Estudos em Teoria da História e História da Historiografia da mesma instituição – UFES.

Em 1979, quando foi publicada *A condição pós-moderna*, o debate sobre o pós-modernismo já era efervescente nos domínios da crítica literária, da arquitetura e da sociologia. Naquele momento utilizou-se o termo pós-modernismo para designar o estado da cultura após as transformações que afetaram a regra dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do fim do século XIX. Lyotard (1992, p. 8) define o pós-moderno como:

aquele que no moderno invoca o irrepresentável em apresentação dele mesmo, que recusa a consolação das formas corretas, que recusa o consenso do gosto permitindo a experiência comum da nostalgia pelo impossível, e inquire em novas representações – não para ter prazer nelas, mas para melhor produzir o sentimento de que existe algo irrepresentável.

A pós-modernidade é, tal como pensada por Lyotard (1992) e Steven Connor (1993), uma condição cultural presente nas sociedades mais desenvolvidas, marcadas pelo desenvolvimento econômico atrelado ao desenvolvimento tecnológico, que a partir das transformações científicas e artísticas iniciadas no final do século XIX culminaram em seu apogeu.

A partir do século XIX, e principalmente no século XX, presenciou-se no Ocidente a experiência de eventos dramáticos que mudaram o horizonte de expectativas em diversas sociedades. Se a utopia constituiu-se enquanto projeção da modernidade, a distopia parece surgir na pós-modernidade procurando marcar uma diferente e nova forma de olhar o futuro.

O futuro idealizado da modernidade torna-se imprevisível, as utopias são substituídas pelas distopias. Se o homem moderno almejava o futuro, o homem pós-moderno irá tentar ao máximo retardá-lo, tornando a projeção do futuro cada vez mais nebulosa. Sendo assim, o homem busca comprimir o seu futuro ao mesmo que expande o seu presente.

Haja vista essa mudança no horizonte de expectativas, a partir da década de 1950 há o surgimento de obras de ficção científica e filmes de caráter distópico, com temáticas envolvendo: dominação da sociedade pelo uso da tecnologia, dominação por grandes corporações empresariais monopolistas, medo da Guerra Fria, da invasão comunista, exploração espacial, avanços da robótica e da cibernética, superpopulação, falta de alimento, de combustível, encontro com seres extraterrestres, poluição, etc.

Philip K. Dick destaca-se por ser um clássico escritor de ficção científica da pós-modernidade e por ter explorado em muitas de suas obras temas como a realidade e a humanidade. Entre suas obras de maior repercussão temos *Paycheck* [O Pagamento] e *A*

Scanner Darkly [O Homem Duplo], além de vários contos que deram origem a filmes, como *Total Recall* [O Vingador do Futuro] e *Minority Report* [Minority Report – A Nova Lei]. Os temas dickianos também estão presentes em diversos filmes os quais ele influenciou e que ainda hoje mantém o seu legado vivo, tais como *Fight Club* [Clube da Luta], *Being John Malkovich* [Quero Ser John Malkovich], *Eternal Sunshine of the Spotless Mind* [Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças], *The Truman Show* [O Show de Truman: O Show da Vida], *12 Monkeys* [Os Doze Macacos], *Dark City* [Cidade das Sombras], *Donnie Darko*, *Inception* [A Origem], *A Nightmare on Elm Street* [A Hora do Pesadelo], e é claro, a trilogia *Matrix* das irmãs Wachowski.

Se olharmos apenas os filmes adaptados de suas obras, veremos que eles são repletos de paranoia, de supostas verdades que são desconstruídas e de uma realidade que está em constante mudança, onde há sonhos dentro de sonhos e a memória não é uma aliada confiável. É assim em todas as suas histórias e seus impérios corporativos, de alta tecnologia intrusiva e sociedades distópicas opressivas. Seus romances tem um toque alucinante, e enquanto as lemos, é sempre bom considerar um pressuposto básico de que não há uma única e objetiva realidade.

Nosso objeto de análise é *O caçador de andróides*¹ de Philip K. Dick, tradução do inglês *Do Androids dream of electric sheep?*², cuja primeira versão foi publicada em 1968 e depois adaptada para o cinema em 1982, dirigida por Ridley Scott sob o título de *Blade Runner: o caçador de andróides*. O livro narra a aventura de Rick Deckard, um caçador de recompensas que vive na cidade de San Francisco pós-apocalíptica de 1992, resultado da chamada Guerra Mundial Terminus, onde a maior parte da população já havia partido para Marte e a Terra não passava de um lugar inóspito, carregado de partículas de poeira radioativa e prédios abandonados. O enredo se desenrola quando Deckard assume o caso de caçar seis andróides Nexus-6 que estão se passando por humanos na Terra. Simultaneamente, o livro narra a história de John Isidore, um homem que permaneceu na Terra, levando uma vida marginalizada por não ter demonstrado possuir inteligência suficiente para viajar até Marte. Conhecido por ser um “debiloide”, Isidore vive em um prédio abandonado onde se encontrava sozinho até ser

¹ Em edições mais recentes é possível encontrar o mesmo livro com o título “Andróides Sonham com Ovelhas Elétricas?” e o subtítulo de “Blade Runner – O caçador de andróides”.

² Essa indagação do título reflete uma questão filosófica básica que o livro propõe: que qualidades e características compõem um ser humano? Roy Baty, personagem "sombra" de Rick, parece ter muitos sonhos como o próprio Rick tem; sonhos de uma vida melhor e de ter a capacidade de entrar em fusão espiritual com Mercer. No entanto, Rick é enviado para matá-los como se eles não sonhassem. Este conflito enquadra o debate presente no romance sobre o valor da vida.

interceptado por uma mulher, a qual ele, em primeiro momento, não percebe se tratar de um androide.

O livro traz em seu cerne o relacionamento homem-máquina, onde conflitos entre humanos e andróides geram questionamentos mais intensos sobre onde começa e onde termina a humanidade. Numa época na qual a inteligência artificial ganha consciência, andróides se camuflam entre os humanos na Terra, e estes os caçam ao mesmo tempo em que também se vê uma convivência pacífica entre humanos e andróides disfarçados, ou que ainda não haviam descoberto sua identidade real devido a possibilidade de se ter uma memória humana implantada. No livro, o próprio protagonista Rick Deckard, é questionado sobre sua identidade e se ele não viria a ser também um androide.

Esse romance traduz muito bem o contexto histórico em que foi escrito: o pessimismo da Guerra Fria, a guerra nuclear, a corrida espacial e a colonização de Marte, carros voadores etc., ou seja, tudo isso ecoa nessa ficção científica dos anos 1960. No decorrer da obra surgem questões que envolvem o papel da religião, as formas de alienação, a busca por um status social e, majoritariamente, a humanidade dos personagens. Essa obra é também uma crítica ao consumismo, à reificação das relações humanas, à idolatria e ao poder do dinheiro.

Para analisarmos a distopia presente na obra dickiana, utilizamos alguns autores que se propuseram a analisar a sociedade industrial capitalista e os seus avanços tecnológicos que surgem para redirecionar o comportamento do homem pós-moderno, através de novas noções de liberdade, direitos, individualidade, e como isso afetou a concepção de futuro.

Primeiramente, o conceito de pós-modernidade proposto por Jean-François Lyotard (1992) cujo referencial é a arte, vista como algo sublime, composta de uma poderosa e ambígua fruição. Para Lyotard, o sublime se diferencia do belo na medida em que este representa um prazer resultante da capacidade de boa representação, enquanto o outro tem o prazer inserido numa condição ambígua com a dor proveniente do lapso ou da falta de conexão interna com o subjetivo. Lyotard delinea seu raciocínio com o foco na estética e na política, orientado por ideias freudianas a respeito dos esquemas psíquicos que são base de todo o conhecimento. Para ele, as questões de produção, transmissão e armazenamento do conhecimento estão diretamente ligadas às práticas culturais, à formação de identidades subjetivas e à relação entre os indivíduos dessa sociedade.

N^o *A ideologia da sociedade industrial*, Herbert Marcuse (1973) traz uma teoria crítica do racionalismo da sociedade moderna, sobretudo numa análise do ponto de vista das aptidões da sociedade para aprimoramento da condição humana. Para ele, as tecnologias avançadas inseridas nessa sociedade são capazes de satisfazer as vontades humanas, criando novos bens de consumo que agilizam ou que tornam mais eficientes as atividades cotidianas dos homens, mesmo que de forma artificial.

Em contraponto, Marcuse faz uma análise das sociedades altamente industrializadas e critica tanto os países comunistas quanto os capitalistas, por suas falhas no processo democrático, por serem incapazes de dar igualdade de condições para seus cidadãos. Essa modernização torna-se um meio de controle social bastante eficaz no que tange a criação de bens supérfluos que cada vez mais redirecionam as necessidades de prazer e satisfação dos indivíduos.

O aparato produtivo nessa sociedade torna-se autoritário, pois além de determinar habilidades e atitudes, redireciona necessidades e aspirações. O sistema tecnológico se faz instrumento de controle e coesão social que engloba todo o sistema político, econômico e cultural, formando o que Marcuse denomina de homem-unidimensional.

A sociedade industrial avançada criava falsas necessidades que integravam o indivíduo ao sistema de produção e de consumo: comunicação de massas e cultura, publicidade, administração de empresas e modos de pensamento contemporâneos apenas reproduziam o sistema existente e cuidariam para eliminar negatividade, críticas e oposição. O resultado disto era um universo unidimensional de ideias e comportamento, no qual as verdadeiras aptidões para o pensamento crítico eram totalmente anuladas.

N^o *O caçador de androides* é possível aplicar claramente o modelo do homem unidimensional. A começar com o “órgão de condicionamento mental Penfield” trazido no livro, que é programado para transmitir uma descarga elétrica pelo alarme automático do aparelho que faz com que humores ou estados de espírito sejam implantados na mente humana. É só discar um número referente ao estado que deseja e programá-lo. Ou seja, trata-se de uma forma de controle das mentes e que impõe de forma autoritária como se sentir e como agir.

Em um cenário de solidão, de vazio existencial, a falta de expectativas do futuro predomina. Com isso, o indivíduo busca um mínimo de conforto, seja programando o seu estado de espírito, ou se apegando a valores ditos humanos, como a empatia. O

autor discorre sobre a empatia em sua obra quando traz a importância do animal elétrico num mundo pós-apocalíptico onde a maioria dos animais foi extinta e aqueles que sobraram são comercializados a preços exorbitantes, de modo que a maioria da população não tem acesso a eles. Vemos aqui que ter um animal representava uma relação de afeto para com um ser vivo e que, teoricamente, os andróides não possuíam. Devido à dificuldade de se obter um animal verdadeiro, é possível substituí-lo por um elétrico, visto que ter um animal simbolizava a ascensão individual e a empatia, um pré-requisito para ser considerado humano. Dessa forma, nessa sociedade distópica, o indivíduo era obrigado a tratar e a gostar do animal como se fosse vivo, de modo que ninguém descobrisse a farsa. Não possuir um animal era visto como antiético e antiempático. Assim percebemos a tirania exercida por um objeto ao molde capitalista.

Outra forma de se obter empatia seria através da “caixa de empatia”: “a posse mais pessoal que uma pessoa pode ter! É uma extensão de seu corpo. É a maneira como você toca outros seres humanos, a maneira como deixa de estar sozinho [...]” (DICK, 1989, p. 78). Essa caixa de empatia fazia com que os humanos entrassem em comunhão, ao se desligarem do mundo a sua volta e interajam com um mundo que só pode ser vivido através de um objeto inanimado que permite a comunicação entre pessoas de diversas localidades no mundo inteiro.

No cenário mundial em que foi escrita a obra uma grande inovação tecnológica surgia para revolucionar o funcionamento tradicional das sociedades modernas como o fizeram, a seu tempo, a imprensa, a máquina a vapor, a eletricidade ou o rádio. Já na década de 1960, Philip K. Dick poderia estar renunciando o surgimento da internet.

Podemos também fazer uma conexão estreita entre o desenvolvimento do capitalismo e a urbanização ao longo da história, como atesta David Harvey sobre a forma como o capital sempre conseguiu se acumular a partir da urbanização. O capital, ao precisar expandir a sua demanda, faz com que as pessoas tenham novas necessidades. Um exemplo disso foi a criação do automóvel, na segunda metade do século XIX, antes visto como um item de luxo e que passa a ser um artigo de necessidade. E ao criar novas necessidades, a partir dos avanços tecnológicos, a vida urbana gera cada vez mais demandas. Quem sabe daqui a algum tempo não tornaremos o *hovercar* artigo de necessidade tal como na obra de K. Dick?

A vida cotidiana em áreas urbanas, portanto, tornou-se estruturada em torno da criação de novas necessidades e de desejos sociais, que se tornam requisitos para se viver nas cidades. A urbanização é uma parte crucial da história da dinâmica de

acumulação do capital. Em paralelo a essa urbanização, vê-se o surgimento de crises políticas, populacionais, de superprodução, de poluição, de trânsito, de mudança climática, etc. Atualmente, o modo como a cidade se estruturou a partir desse modelo de produção e consumo, afeta não apenas, a longo tempo, o planeta e as relações sociais, como também a nossa concepção de futuro. No prefácio do livro *A Condição Pós-Moderna*, Barbosa afirma que:

A Pós-Modernidade substituiu a concepção de progresso pela de crise e de incredulidade. Na verdade a era pós-moderna aponta-nos para o cibernético, o informático e o informacional, onde o saber científico está na informação transformada em conhecimento na forma organizada, estocada e preparada para a sua distribuição e, no limite, em termos de bits. (Barbosa, 1985)

Na era pós-moderna temas como razão, sujeito, totalidade, verdade e progresso são conceitos vazios e em crise. Converte-se na era do efêmero, do fragmentário, do caótico. Na verdade, é uma era descontínua, sempre enfatizando a possibilidade de lidar com a realidade através do pensamento racional. A era pós-moderna é fruto da modernidade, a qual não realizou as promessas de progresso infinito.

Em *Cidade e Alma*, James Hillman (1993) analisa conceitos como “cultura” e “desordem” que se farão necessários para compreender várias questões relativas à vida na cidade, como o urbanismo, os meios de transportes, a guerra, a violência, o poder do dinheiro e a beleza, e de que forma as relações humanas vão sendo geridas numa sociedade capitalista. Hillman vê a paisagem urbana com uma constante desordem, que lhe é característica e que possibilita a formação de uma “alma” da cidade.

Zygmunt Bauman (2001) afirma que, nos tempos atuais, as relações entre os indivíduos nas sociedades tendem a ser menos frequentes e menos duradouras, onde “as relações escorrem pelo vão dos dedos”. Ele busca compreender o que constitui o homem pós-moderno e propõe, assim, uma análise da face desumana do capitalismo.

Desse modo, a forma como o homem pós-moderno interage com o espaço urbano, produz novas formas de socialização e de criação de uma mentalidade intrínseca ao mundo material. Concebe-se agora uma imaginação comum de um futuro que se estende no presente, como um horizonte de expectativa distópico, suscitando uma relação da distopia como uma fronteira do presentismo.

A História³, tal como afirma Koselleck (2006) compõe-se:

³ Tradução de *Geschichte*. Até meados do século XVIII, o termo história (em alemão, Historie) era sempre usado no plural para designar narrativas particulares. O Iluminismo altera essa relação do homem com o tempo. No lugar da Historie, entra a Geschichte, termo da língua alemã que designa uma sequência unificada de eventos que, vistos como um todo, constituem a marcha da humanidade.

a partir dos dois modos de ser, o da recordação e o da esperança. Esperança e recordação, ou mais genericamente, expectativa e experiência – pois a expectativa abarca mais que a esperança, e a experiência é mais profunda que a recordação – são constitutivas, ao mesmo tempo, da história e de seu conhecimento, e certamente o fazem mostrando e produzindo a relação interna entre passado e futuro, hoje e amanhã, [...] são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro. (KOSELLECK, 2006, p. 308)

Do mesmo modo:

Passado e futuro jamais chegam a coincidir, assim como uma expectativa jamais pode ser deduzida totalmente da experiência. Uma experiência, uma vez feita, está completa na medida em que suas causas são passadas, ao passo que a experiência futura, antecipada como expectativa, se decompõe em uma infinidade de momentos temporais. (KOSELLECK, 2006, p. 310-311)

Assim, toda experiência é uma elaboração aditiva do passado, que não cria continuidade, mas que se expressa num mesmo espaço com tudo que é possível se recordar. Já a expectativa é ligada por uma linha que se abre no futuro a um novo espaço de experiência, mas como esse espaço não pode ser contemplado devido ao futuro ser uma possibilidade, ela se expressa no horizonte, com um limite absoluto, uma realidade não experimentada.

No livro, esse espaço de experiência do futuro já é antecipado e vivido no hoje. Ocorre assim uma quebra com o horizonte de expectativa, já que ele se transforma em distopia no agora e não no futuro. O futuro não mais existe, pois o presente já é suficientemente trágico e caótico. É uma distopia presentista, pois o presente é vivido como se fosse o último dia, o estágio final da vida. A esperança de um futuro não faz parte dessa sociedade que não mais enxerga o futuro como uma possibilidade de redenção ou de renascimento de uma nova vida, um novo espírito de humanidade.

Um trecho do livro que representa essa distopia narrada pela protagonista Rick Deckard:

Este ensaio terminará, a representação terminará, os cantores morrerão, finalmente a última partitura da música será destruída, de uma forma ou de outra. No fim, o nome Mozart desaparecerá e a poeira terá vencido. Se não neste planeta, então em outro. Podemos evitá-la durante algum tempo. Como os andros podem me evitar e existir por um período finito um pouco maior. Mas eu os pego ou algum outro caçador de cabeças. De uma certa maneira – deu-se conta –, sou parte do processo de entropia que destrói formas [...].” (DICK, 1989, p. 112)

Relacionamos esse estudo à crise do cronótopo moderno de história proposto por Gumbrecht, que para Hartog relacionaria-se à mudança de regime de historicidade moderno para o presentista e que também repercutem das reflexões de Koselleck, os quais alegariam estar em curso uma mudança na consciência histórica derivada da

expansão radical do presente, prescindida da experiência do passado, e ao se projeta no horizonte, em direção ao futuro, comprime-se e vê o futuro “como um espaço aberto de novidades e expectativas, ou de aperfeiçoamento necessário” em que há o receio do presente não mais se projetar adiante, mas “que mergulha cada vez mais nas experiências atuais e em sua exacerbação”. (BENTIVOGLIO, 2016, p. 17)

Segundo Julio Benvivoglio (2016), relacionamos a literatura distópica e a teoria da história com:

a gestação de um novo paradigma poético-linguístico, pré-crítico e metahistórico. E que esse paradigma, no século 21 é eminentemente distópico. Ou seja, a atual consciência na historiografia é um modo preciso de pensamento, cuja pré-elaboração do enredo, de início ou de partida é, em si mesmo desconfiada, seja das capacidades científicas da história, seja das evidências ou da materialidade do passado, seja das verdades produzidas pela história em relação àquele. Crise do referente, sem dúvida, fruto de um maior ceticismo epistemológico, posto que a história, cada vez mais é reconhecida, também, como um artefato literário. [...] Desse modo, a distopia seria esse protocolo linguístico contemporâneo, preenchido por elementos léxicos, gramaticais, sintáticos e semânticos por meio do qual o historiador performaria suas narrativas do passado, [...] numa representação que será reconhecida tacitamente pelos leitores, preparando-os para compreendê-las. (BENTIVOGLIO, 2016, p.12)

Em suma, vemos que o conceito de distopia e a produção de narrativas distópicas, como a de Philip K. Dick, inserem-se no debate sobre as realidades e expectativas da teoria da história atual e nos faz perceber que novos caminhos precisam ser trilhados para compreensões a respeito do conceito de história e do saber histórico.

Para tanto, percebe-se que cada vez mais temas que eram apropriados pela literatura aparecem em pesquisas científicas. É o caso da distopia, que desponta como uma inovação do ponto de vista da temática e traz um ar instigante à pesquisa científica pela utilização de um livro de ficção científica como objeto de pesquisa em História. Isso nos revela o caráter multidisciplinar da história e como é desafiador buscarmos conexões com outras áreas. Uma das propostas dessa pesquisa é mostrar que a história tem estreitas relações com a literatura, e assim como a arte, se faz a partir de qualquer manifestação humana.

Referências:

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BENTIVOGLIO, Julio. **História e distopia: A imaginação histórica no alvorecer do século 21**. Vitória: s.n., 2016.
- DICK, Philip K. **O Caçador de Andróides**. 4 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: Presentismo e Experiência do Tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- HARVEY, David. **The Right to the City**. New Left Review, n. 53, 2008. Disponível em: <<https://newleftreview.org/II/53/david-harvey-the-right-to-the-city>>. Acesso em: 06 abril 2016.
- HILLMAN, James. **Cidade e alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Contraponto; PUC Rio: Rio de Janeiro, 2006.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.